

INTRODUÇÃO AO QUESTIONAMENTO SOBRE O CONCEITO DE VERDADE EM HEIDEGGER

Sidinei José Schneider*

RESUMO:

O presente trabalho tem a pretensão de discutir o conceito de verdade em Heidegger. A partir do parágrafo 44 de *Ser e Tempo*, procuramos problematizar o conceito de verdade dentro da perspectiva heideggeriana. Ao analisarmos o ser, em busca da verdade, percebe-se que o *Dasein* ocupa o papel de velamento e desvelamento do ser. Por isso, inicialmente é abordado a questão do *Dasein*, para, no decorrer do artigo, abordar a questão do desvelamento do Ser e ao final nos ocupamos do sentido do ser.

Palavras-chave: Compreensão. *Dasein*. Verdade.

1 QUESTIONAMENTO SOBRE O CONCEITO TRADICIONAL DE VERDADE.

Em sua investigação sobre verdade, Heidegger não quer voltar à concepção antiga de verdade, mas sim, mostrar que a filosofia somente adaptou-se ao termo Alétheia, e não a fundamentou no sentido ontológico. Para Heidegger o conceito grego Alétheia, como significação de verdade, é somente uma palavra que nos acostumamos a reproduzir, pois para a compreensão da mesma é necessário que nos aproximemos de sua origem. A simples interpretação de Alétheia, não nos coloca fora da verdade moderna, mas para esclarecer seu significado, devemos nos remeter a sua origem.

Ao nos basearmos na concepção corrente, a palavra, verdadeiro, pode ser aplicada ao ente tanto quanto ao enunciado, mas independente de qual seja o lugar da verdade, a mesma se define como um acordo, concordância ou mesmo conformidade. Portanto ser-verdadeiro, esta ligada a concordar com algo, por um lado o ente com o que ela significa e por outro a concordância do significado entre o enunciado e o ente. Ambas estão conectadas, uma vez que a enunciação do verdadeiro se conecta ao ente, igual ao que ele é em sua verdade própria.

Na filosofia foi implantado este conceito de verdade. Durante toda história o sentido

* Mestrando e bolsista CAPES, do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientador: Dr. Rodrigo Ribeiro Alves Neto. Natal, RN, Brasil. E-mail schneidersidi@yahoo.com.br.

da verdade foi à adequação do conhecimento ao ente ou do ente ao conhecimento. No enunciado *veritas est adequatio rei et intellectus*, vemos que o conhecimento do ente por parte do homem, é condicionado por uma verdade que foi concebida por ordem divina. Ao ser deixado de lado a concepção divina, na era iluminista, troca-se a inteligência divina pela razão universal, sendo que o ente e proposição se coordenam e com isso salientou-se o conceito de verdade como conformidade. O abandono do divino tirou a necessidade de se afirmar que a verdade da proposição esta ligada a verdade do ente, não delimitou mais o espaço ao domínio da proposição e tirou o seu manto teológico, mantendo com isso sua natureza da concordância.

Heidegger mostra que esse movimento legitimou a verdade como conformidade e esta definição percorreu a história de Platão até Nietzsche. O conceito tradicional de verdade define que; o lugar da verdade é o enunciado (juízo) e que a essência da verdade consiste na concordância do juízo com seu objeto.

Ao se observar que a verdade está na concordância, então a não-verdade é a não concordância e se a verdade tem suas bases no conhecimento, a não-verdade está no conhecimento falso. Assim a não-verdade, contrária a verdade, é duvidosa em relação à verdade, e com isso pode ser deixada de lado na busca pela essência da verdade.

Heidegger não afirma que o conceito tradicional de verdade seja errado, mas sim que é uma derivação, por isso ele não quer derrubar este conceito, nem mesmo o superar mas sim edificar. Com isso conseguimos compreender as questões que se opõe a conceitualização tradicional da verdade, e embarcar no conceito que retrocede e conduz a verdade para baixo da ordem predicativa em direção a ordem ontica e posteriormente a ordem ontológica.

O fato de um enunciado concordar com o ente, simplesmente exprimem o que ela é. Heidegger relata com isso o problema que se chocavam às teorias do conhecimento, ou seja, a ligação sujeito-objeto, a consciência ao real. Para Zarader;

O par sujeito-objeto tem, portanto condições de inteligibilidade o par metafórico dentro-fora: fora, existem as coisas e um mundo, ou seja, objetos; dentro, é o abrigo entrincheirado, o refugio da interioridade, a inviolabilidade da consciência. Esta dupla oposição sujeito-objeto, dentro-fora, é ela própria fundada sobre a posição mais original fechamento-abertura: se o fora é exposição sem reserva, o dentro é fechamento sobre si, encapsulamento na esfera inferior. (Zarader, 1990, pág.66)

Heidegger não aceita a concepção tradicional sobre o espaço do conhecimento, que é compreendido como movimento de saída, para fora do ambiente da consciência, e com o sujeito o seguindo, para seu velamento. O Dasein já em seu modo de ser está no exterior, e não velado em um abrigo. O Dasein já se encontra no exterior junto ao ente.

Ao buscarmos uma resposta em Heidegger sobre o problema do conhecimento percebe-se que o filósofo o trata como uma questão que visa a sua possibilidade, ou seja, a possibilidade do conhecimento. O enunciado é verdadeiro, ao afirmarmos isso, devemos perceber que o mesmo se mostra tal como ele é. Porém para que o mesmo se mostre tal como ele é primeiro é preciso que o mesmo surja enquanto tal? Ao questionarmos isso entramos na questão heideggeriana para descobrir o ente no que ele é. Segundo Stein;

O que Heidegger pretende é realmente uma grande subversão da tradição filosófica, recolocando a questão da verdade não mais *sub specie aeternitatis*, numa espécie de horizonte de intemporalidade, numa espécie de horizonte de necessidade lógica ou de formas puras ou de idealidade. Heidegger quer abordar a questão da verdade no âmbito das condições existenciais de possibilidade. (Stein, 2006, p.20)

Ao adentrarmos na questão da verdade em Heidegger, trabalhamos o conceito de Dasein. O *Dasein*¹¹¹, também pode aqui ser compreendido como ser-no-mundo.”E no mundo não apenas como contingente como algo que contém um conteúdo, mas mundo como um modo de ser, mundo enquanto como”. (Stein, 2006, p.20). Nesse sentido, se a verdade se manifesta pelo *Dasein*, portanto, ela é antes de mais nada uma manifestação do próprio *Dasein*, que à explora dentro do ser.

O *Dasein*, acaba desvelando o ser que está junto de si, e assim desocultando a verdade, para que a mesma possa ser apreendida por ele. Heidegger irá buscar a verdade como desocultação, como revelação, sendo que a mesma está junto ao *Dasein*, e com isso quebrando o paradigma absoluto que a verdade mantinha Segundo Stein:

¹¹¹ O conceito “*Dasein*” é de difícil tradução. Na verdade, não há no português uma palavra que indique com precisão seu sentido. Foi traduzido, por exemplo, como “eis-aí-ser”, “estar-aí”, “ser-aí”, “presença”. Na perspectiva em que estamos abordando, é importante destacar que não deve ser compreendido no sentido passivo, como é o caso de simplesmente “jogado” no mundo. O “*Sein*” revela um princípio de ação frente ao mundo, ou, dito de outro modo, uma necessidade de se “projetar”, de modo que o ser “é” pelo que faz ou deixa de fazer no aí concreto, conforme possibilidade e limites que o mundo lhe oferece. Ao passo que “*Sein*” parece também mostrar a abertura ao devir, revelando a infinitude do processo de construção de nosso ser mergulhado na finitude do existir concretamente “agora”. (Cf. SCHUCK, 2007).

Não se trata mais de provar a existência das coisas, de provar a existência do mundo, de dar uma longa explicação sobre o que é verdadeiro e falso, sobre o que pode ser verdadeiro e falso,mas, desde sempre, a questão da verdade está ligada ao *Dasein* e nós somos levados a pressupor o *Dasein*. (Stein, 2006, p.21)

Por isso que o autor complementa dizendo que: .”Verdade, portanto, no sentido originário, é verdade existencial [...] verdade sempre é relativa ao *Dasein*, que a verdade é existencial”.(Stein, 2006, p.22). Sendo que a verdade está conectada ao *Dasein*, percebe-se que para obtê-la, a partir de sua movimentação dentro do ser, tem que haver uma apreensão do desvelamento por parte do *Dasein*, onde ao desvelar o ser, observamos a essência da verdade que está descoberta, e propícia a sua apreensão.

E a partir deste sentido, do *Dasein* enquanto desvelador do ser em busca da verdade, o conceito de “mundo” passa a estar mais próximo do conceito de *Dasein*, pois o mesmo se manifesta no pano de fundo em que esta inserido, e este mundo passa a ser o espaço dentro do qual o *Dasein* se movimenta, assim desvelando a verdade contida neste ambiente.

2 CONCEITO DE VERDADE HEIDEGGERIANO NA OBRA DE SER E TEMPO

Dentro da análise do parágrafo 44, da obra *Ser e Tempo*, descobre-se que Heidegger busca um novo sentido para a questão da verdade. “Num patamar fundante, em que não é mais um fundamento seguro e subjetivo que se procura, mas um fundamento ligado às condições concretas, históricas, do modo de ser-no-mundo”. (Stein, 2006, p.24). Com isso, o problema da verdade passa a ser pensado não mais na busca de um fundamento último para a verdade e sim um contexto em que a mesma está inserida e se manifesta . Heidegger quebra a “divindade” da verdade , ela não está, por assim dizermos, protegida por um fundamento metafísico, o qual não pode ser questionado ou até mesmo problematizado, mas o que ele faz é colocar “o conceito de verdade no horizonte do tempo” (Stein, 2006.p 24).

Em Heidegger, a essência da verdade acaba por romper o círculo das certezas do idealismo. No movimento do *Dasein*, dá-se o movimento de ocultamento e desocultamento, levando a verdade ao conceito de possibilidade e assim abolindo a teoria das verdades eternas, estáticas. A verdade só existe enquanto manifestação do *Dasein* .

A definição da verdade como descoberta ou ser-descobridor está ligada à análise do comportamento do *Dasein*; “Ser-verdadeiro enquanto ser-descobridor é um modo de ser do *Dasein*”. (Heidegger, 1995, p. 288). E o descobrir é um modo do ser-no-mundo (*Dasein*), porém para haver esse “descobrir” necessita-se de uma abertura, que se constitui na disposição, compreensão, discurso, ou seja, na abertura do *Dasein*, se dá o desocultamento. Na abertura do *Dasein* que se alcança o fenômeno mais originário da verdade.

O *Dasein* é e está “na verdade”. Essa proposição tem sentido ontológico. Não significa que onticamente o *Dasein* tenha sido introduzida sempre ou apenas algumas vezes “em toda a verdade”, mas indica que a abertura de seu ser mais próprio pertence à sua constituição existencial. (Heidegger, 1995, p. 289).

A verdade se encontra na abertura do ser, onde no *Dasein* descobre-se a essência da verdade. Porém apesar do fato de a verdade estar ligada ao *Dasein*, não significa que a mesma se revele plenamente. Isso porque o caráter fundamental do ser-no-mundo é ao mesmo tempo encobridor. Nas palavras de Heidegger;

A proposição não é o “lugar” primário da verdade. Ao contrário, a proposição, enquanto modo de apropriação da descoberta e enquanto modo de ser-no-mundo, funda-se no descobrimento ou na abertura do *Dasein*. A “verdade” mais originária é o “lugar” da proposição e a condição ontológica de possibilidade para que a proposição possa ser verdadeira ou falsa (possa ser descobridora ou encobridora). (Heidegger, 1995, p. 295).

A partir da citação, vemos que Heidegger pretende ressaltar que a problemática da verdade é o caráter de uma transcendentalidade que é prática, ou seja, que é ligada ao modo de ser-no-mundo, também vinculada à revelação do *Dasein*. É na defesa desta teoria que Heidegger funda seu novo paradigma. A busca pela verdade vai se dar na descoberta do *Dasein*.

Adentrando mais na questão da verdade, na obra *Ser e Tempo*, Heidegger aproxima a questão da verdade à não-verdade, sendo que o *Dasein* está na verdade e na não-verdade. Partindo desse contexto, o filósofo passa a tratar a verdade como essência da verdade e verdade da essência, esclarecendo com isso que não se trata simplesmente de uma definição metafísica essencialista da verdade, mas sim, de tomar a verdade na medida em que ela é manifestação fenomenológica da questão do ser. Sendo assim, o método fenomenológico

heideggeriano estará presente nesta questão, sobretudo na medida em que a verdade da essência significa verdade daquilo que se manifesta e é acessível fenomenologicamente. A questão sobre o sentido do ser só é possível quando compreendido o ser, sendo que a compreensão pertence ao modo de ser do ente que denominamos *Dasein*. Quanto mais nos aproximarmos do desvelamento do *Dasein* e o compreendemos, maior será a segurança e alcance na caminhada compreensiva, rumo à elaboração do problema ontológico fundamental. (Cf. SCHUCK, 2007).

3 SENTIDO DO SER E COMPREENSÃO

O sentido do ser é aquilo que possibilita ao *Dasein* ser já sempre a síntese. Ele sempre se compreende e compreendendo-se compreende o ser, e compreendendo o ser compreende a si mesmo. A compreensão será o meio condicionante de toda analítica, tanto assim que o método pelo qual se faz a analítica é construído a partir do existencial compreensão, e, neste sentido, dentro do existencial compreensão já está inserida a unidade metodológica, a unidade universal e do singular. A compreensão do ser não é mais do que abrir o espaço em que há possibilidade de conhecimento dos entes.

O projeto heideggeriano em questão, busca a problematização do conceito de verdade, para que possamos perceber a questão do “verdadeiro” pelo ser-aí, no modo de ser-no-mundo.

Para o ser humano, a verdade sempre teve lugar privilegiado, pois dava sustentação legítima a uma hipótese levantada e defendida pelo indivíduo ou grupo interessado. A verdade entra nesse jogo, e começa a ser questionada, não pela sua existência, mas sim pela sua manifestação dentro do processo do pensar, filosoficamente, e também na sua sustentação teórica.

A teoria da verdade deixa aberturas para o seu questionamento, pois não se pode provar o ser da verdade. Nas palavras de Heidegger, “A verdade não se deixa provar em sua necessidade porque o *Dasein* não pode ser colocado para si mesmo a prova”. (Heidegger, 1995, p. 298).

Para Heidegger a verdade é descoberta no momento em que há abertura do ser e no momento em que o *Dasein* é compreendido, ou seja, quando há uma compreensão ontológica.

O ser e não o ente- só “ se dá” porque a verdade é. Ela só é na medida enquanto o *Dasein* é. Ser e verdade “são”, de modo igualmente originário. Só se pode questionar concretamente o que significa dizer o ser “é” e de onde ele deve se distinguir de todos os entes, caso se esclareça o sentido de ser e a envergadura da compreensão ontológica. Só então pode-se discutir originariamente o que pertence ao conceito de uma ciência do *ser como tal*, de suas possibilidades e derivações. E na delimitação dessa investigação e de sua verdade é que se pode determinar ontologicamente a investigação como descoberta *dos entes* e de sua verdade. (Heidegger, 1995, p. 299).

O conceito de verdade heideggeriano, presente no parágrafo 44 de *Ser e Tempo*, investiga, pois, as condições de possibilidade da apreensão da verdade, quando, ao ser desvelado, na abertura do *Dasein* é possível a percepção da mesma. Portanto a verdade se dá no momento em que ocorre a abertura do *Dasein*, momento em que há o desvelamento do ser. A verdade é parte integrante do ser do *Dasein*, e, sendo assim, no sentido de descobrimento ela é um modo de ser do *Dasein*.

O ser somente se dá porque a verdade se manifesta, e essa manifestação ocorre na medida em que o *Dasein* consecutivamente se manifesta. Daí podermos afirmar que ontologicamente a compreensão do ser é possível perante a descoberta dos entes.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *A essência do fundamento*. Lisboa: Portugal, Edições 70, Coleção Biblioteca de Filosofia Contemporânea.

_____. *Ser e Tempo. Vol 1 e 2*. Petrópolis: Vozes, 1995 .

_____. *Ser y Tiempo*. Santiago de Chile: Ed. Universitaria, 1998. (Traducción, Prólogo y Notas de Jorge Eduardo Rivera Cruchaga).

_____. *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

INWOOD, Michael. *Dicionário de Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. (Trad. Luísa Buarque de Holanda).

SCHNEIDER, Paulo Rudi. *O outro pensar: sobre que significa pensar? E a época da imagem do mundo, de Heidegger*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

SCHUCK, Rogério José. *Através da compreensão da historicidade para uma historicidade da compreensão como apropriação da tradição*. 2007. 193 f. Monografia (Doutorado)-Programa De Pós-graduação Em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, 2007. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/pgfilosofia/2007Rogerio-DO.pdf> >. acesso em: 15 out. 2008, 13:30.

STEIN, Ernildo. *Seis Estudos sobre Ser e Tempo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.

_____. *Crítica da Ideologia e Racionalidade*. Porto Alegre: Movimento, 1986.

_____. *A questão do método na filosofia: um estudo do modelo heideggeriano*. Porto Alegre: Movimento, 1983.

_____. *Sobre a Verdade: lições preliminares ao parágrafo 44 de Ser e Tempo*. Ijuí: ED.UNIJUÍ, 2006.

ZARARDER, Marlene. *Heidegger e as Palavras da Origem*. Lisboa: Inst. Piaget, 1990.